

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal, o Grande Armazém Digital da Europa

Publicado em 2026-06-20 13:26:00



BOX DE FACTOS

- O Banco de Portugal referiu, no Boletim Económico de Junho de 2026, que um investimento avultado num centro de dados em Sines teve conteúdo importado próximo de 100%.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- A Reuters noticiou também o anúncio de um investimento de 10 mil milhões de dólares da Microsoft em infra-estrutura de inteligência artificial em Sines, em parceria com Start Campus, Nscale e NVIDIA.
- A Start Campus apresenta o SINES Data Campus como uma infra-estrutura de 1,2 GW destinada a cargas de trabalho de cloud, IA e computação de alto desempenho.
- A Agência Internacional de Energia estima que o consumo eléctrico global dos centros de dados possa mais do que duplicar até 2030, impulsionado sobretudo pela inteligência artificial.

Portugal, o Grande Armazém Digital da Europa

Portugal voltou a confundir investimento estrangeiro instalado no território com riqueza criada pelo país. É

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal voltou a fazer aquilo em que se especializou com admirável persistência: lançar foguetes antes de perceber se havia festa, riqueza, indústria ou apenas mais uma cerimónia de propaganda com capacetes brancos, palavras inglesas e ministros sorridentes.

Durante meses, venderam-nos os grandes projectos de centros de dados como se o país estivesse finalmente a entrar pela porta principal da economia tecnológica. Sines seria o novo coração digital da Europa. Portugal seria o “hub” atlântico da inteligência artificial. O território ficaria coberto de cabos submarinos, energia verde, servidores reluzentes e promessas de prosperidade.

Depois veio a realidade. Essa criatura antipática que aparece sempre sem convite nas festas da propaganda.

O Banco de Portugal acabou por explicar, com a frieza cruel dos números, que o investimento avultado num centro de dados em Sines teve um conteúdo importado próximo de 100%. Traduzindo para português corrente, para que até os devotos do PowerPoint compreendam: quase tudo o que realmente tem valor tecnológico, industrial, financeiro e produtivo veio de fora.

Portugal ficou com o terreno, a energia, algumas obras, alguma logística, alguns empregos locais e a fotografia.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A grande confusão nacional: estar cá não é ser nosso

Um centro de dados pode ser importante. Pode ser estratégico. Pode criar alguma actividade económica. Pode reforçar conectividade. Pode atrair empresas. Pode ter utilidade numa economia moderna. Nada disso está em causa.

O problema é outro: um país sério não se contenta em ser suporte físico da inteligência dos outros.

Um país sério pergunta: onde está a cadeia de valor nacional? Onde estão as empresas portuguesas fornecedoras de componentes? Onde está o software nacional? Onde está a propriedade intelectual portuguesa? Onde estão os centros de investigação ligados a estes projectos? Onde estão os engenheiros portugueses a desenvolver tecnologia própria? Onde está a indústria electrónica? Onde está a fabricação avançada? Onde estão as plataformas nacionais de IA, cloud soberana, segurança informática, sistemas críticos e serviços exportáveis?

Se a resposta for silêncio, então não temos política tecnológica. Temos aluguer de território com discurso futurista.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

infra-estrutura instalada no país com uma indústria nascida no país.

O país da tomada eléctrica com bandeira

Foi assim com demasiadas ilusões económicas. Primeiro vendemos mão-de-obra barata. Depois vendemos sol e praia. Depois vendemos imobiliário. Depois vendemos vistos. Agora vendemos energia, localização e espaço para servidores estrangeiros processarem dados de empresas estrangeiras, com máquinas estrangeiras, software estrangeiro, propriedade intelectual estrangeira e lucros estrangeiros.

Mudou a embalagem. A dependência ficou.

O país que devia estar a fabricar conhecimento limita-se demasiadas vezes a receber caixotes tecnológicos vindos de fora. E depois admira-se que os salários continuem baixos, que a produtividade não descole, que os jovens qualificados partam, que a indústria definhe e que Portugal continue a viver de serviços de baixo valor, turismo, imobiliário e impostos sobre quem ainda trabalha.

Não basta ter centros de dados. É preciso ter economia em redor deles.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

capacidade nacional para desenvolver modelos, aplicações, plataformas, sistemas, investigação aplicada e serviços exportáveis.

Não basta dizer “inteligência artificial”. É preciso ter inteligência estratégica. E essa, infelizmente, não se importa por contentor.

A elite da fotografia e o país da irrelevância produtiva

A tragédia portuguesa é esta: quando aparece um grande projecto estrangeiro, a elite política comporta-se como funcionário subalterno perante o patrão internacional. Abana a cabeça, sorri, agradece, tira fotografias e chama “visão” à submissão.

Mas visão seria outra coisa.

Visão seria exigir contrapartidas tecnológicas reais. Seria ligar estes projectos às universidades, aos politécnicos, às empresas nacionais, aos laboratórios, aos centros de engenharia, aos programadores, aos fabricantes, às startups e às PME tecnológicas. Seria criar programas de formação avançada, investigação aplicada, clusters industriais, contratos de fornecimento nacional, incentivos à produção

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O resto é cenário.

É um país pobre a posar ao lado de máquinas caras que não construiu, não domina e não controla.

Investimento estrangeiro sim, servilismo económico não

E não, isto não é ser contra investimento estrangeiro. Essa acusação costuma ser lançada pelos mesmos cérebros que acham que pensamento crítico é uma ameaça à liturgia da mediocridade. Investimento estrangeiro pode ser positivo. Pode ser útil. Pode acelerar sectores económicos. Pode trazer escala, financiamento e integração internacional.

Mas só é transformador quando entra numa estratégia nacional inteligente.

Sem isso, é apenas ocupação económica com boas maneiras.

Portugal precisa de investimento estrangeiro, sim. Mas precisa ainda mais de amor-próprio económico. Precisa de saber negociar. Precisa de deixar de se comportar como uma portaria simpática à entrada da Europa. Precisa de perceber que localização geográfica não é destino histórico; é apenas

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A factura energética da ilusão

Há ainda outro ponto que a propaganda prefere embrulhar em palavras verdes: os centros de dados são enormes consumidores de energia. A Agência Internacional de Energia estima que o consumo eléctrico global dos centros de dados possa mais do que duplicar até 2030, atingindo cerca de 945 TWh, impulsionado sobretudo pela inteligência artificial.

Isto não significa que todos os centros de dados sejam maus, nem que Portugal deva rejeitar infra-estruturas digitais. Significa apenas que um país adulto deve fazer contas completas: energia, água, rede eléctrica, impacto territorial, contrapartidas industriais, soberania tecnológica, salários, fiscalidade, emprego qualificado e valor acrescentado nacional.

Mas pedir contas completas a uma elite habituada a viver de slogans é quase uma crueldade. Ainda se constipam.

O número que desmonta o teatro

Quando o Banco de Portugal diz que aquele investimento teve conteúdo importado próximo de 100%, está a dizer muito mais do que uma frase técnica. Está a levantar o pano

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

desaparece ao primeiro sopro de verdade.

Se quase tudo vem de fora, então o impacto na criação de riqueza interna é limitado. Se a tecnologia vem de fora, o hardware vem de fora, o software vem de fora, a propriedade intelectual vem de fora e a cadeia de decisão vem de fora, então Portugal não entrou na economia da inteligência artificial. Portugal alugou uma tomada eléctrica com vista para o Atlântico.

Chamar a isto soberania tecnológica é um insulto à inteligência. Mesmo à pouca que ainda sobrevive nos corredores oficiais.

O que Portugal devia exigir

Portugal devia deixar de celebrar anúncios e começar a exigir resultados estruturais. Devia exigir transferência de conhecimento, centros de investigação reais, contratos com empresas nacionais, formação avançada, programas de capacitação técnica, desenvolvimento de software em território nacional, integração com universidades e politécnicos, criação de propriedade intelectual portuguesa e participação efectiva de empresas nacionais na cadeia de valor.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Devia perguntar, antes de cada fotografia oficial: quantos empregos altamente qualificados ficam? Quantas empresas portuguesas fornecem? Que tecnologia nacional nasce daqui? Que exportações serão geradas? Que competências serão desenvolvidas? Que soberania digital será reforçada? Que benefícios líquidos terão os cidadãos portugueses?

Sem estas perguntas, a política económica não é estratégia. É decoração institucional.

Epílogo: o futuro não se instala, constrói-se

Portugal não precisa de mais foguetes.

Precisa de fábricas, laboratórios, programadores, engenheiros, empresas tecnológicas, propriedade intelectual, exportações de alto valor e uma elite política que consiga distinguir uma tomada eléctrica de uma estratégia de desenvolvimento.

Enquanto confundirmos centros de dados estrangeiros com soberania tecnológica portuguesa, continuaremos a ser isto: um país com discursos de futuro, práticas de dependência e uma espantosa capacidade de aplaudir a própria irrelevância.

O futuro não se instala.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

servidores.

Nota : Portugal não deve recusar investimento estrangeiro. Deve é deixar de o aceitar como quem recebe esmola dourada. O país precisa de negociar valor, conhecimento, indústria, propriedade intelectual e soberania tecnológica. Caso contrário, continuará a servir de palco a projectos dos outros, enquanto chama “futuro” à sua própria dependência.

Referências

1. Banco de Portugal — *Boletim Económico, Junho de 2026*.
Referência ao investimento avultado num centro de dados em Sines com conteúdo importado próximo de 100%.
<https://www.bportugal.pt/publicacao/boletim-economico-junho-2026>
2. Reuters — *Start Campus plans to invest \$9.35 billion in Portugal data hub*, 4 de Abril de 2025. <https://www.reuters.com/technology/artificial-intelligence/start-campus-plans-invest-935-billion-portugal-data-hub-2025-04-04/>

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

[invest-10-billion-portugal-ai-data-hub-bloomberg-news-reports-2025-11-11/](#)

4. Start Campus — Página oficial do SINES Data Campus, incluindo referência à capacidade de 1,2 GW. <https://www.startcampus.pt/sines>
5. International Energy Agency — *Energy and AI: Energy demand from AI*. Projeções sobre consumo eléctrico dos centros de dados até 2030. <https://www.iea.org/reports/energy-and-ai/energy-demand-from-ai>
6. Comissão Europeia — *In focus: Data centres, an energy-hungry challenge*, 17 de Novembro de 2025. https://energy.ec.europa.eu/news/focus-data-centres-energy-hungry-challenge-2025-11-17_en

Texto: Francisco Gonçalves

Co-autoria editorial e revisão crítica: Augustus Veritas

Fragmentos do Caos — porque a lucidez ainda não foi nacionalizada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

estrutural portuguesa. não é falta de informação, e falta de entendimento. O país vê um investimento estrangeiro de milhares de milhões e entra logo em transe provinciano, como se a simples presença de servidores em Sines transformasse Portugal numa potência tecnológica.

É a velha confusão nacional: **ter coisas modernas no território** não é o mesmo que **ser moderno**; **receber investimento** não é o mesmo que **criar riqueza própria**; **alojar tecnologia estrangeira** não é o mesmo que **dominar tecnologia**; **vender energia e espaço** não é o mesmo que **subir na cadeia de valor**.

A burrice não arreda pé porque é confortável. Não exige pensar, estudar, planejar, negociar, exigir contrapartidas, formar engenheiros, criar indústria, desenvolver software, proteger soberania digital ou construir propriedade intelectual. Basta cortar fitas, sorrir para as câmaras e dizer que *Portugal está no mapa*.

Pois está. Também os parques de estacionamento estão no mapa, e ninguém lhes chama civilização avançada.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

brilhantes, governado por elites que parecem ter tirado doutoramento em confundir tomada eléctrica com estratégia nacional.

A burrice em Portugal não é ausência de inteligência individual; é organização colectiva da mediocridade.

E essa, infelizmente, tem ministério, gabinete, motorista, assessores e orçamento.

- Francisco Gonçalves



GitHub Pages



CodeBerg Pages



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

• [Ebooks](#)

• [Carrossel](#)



Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)